CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
11 e 20 de julho de 2023

OKTIABR ou DIECIAT DNIEI KOTORIÉ POTRIASLI MIR / 1927

("Outubro - ou Dez Dias que Abalaram o Mundo")

um filme de Sergei M. Eisenstein

Realização, Argumento e Montagem: Sergei M. Eisenstein / **Co-realizador:** Grigori Alexandrov **Assistentes de Realização:** Maxim Strauch, Mikhail Gomorov, Ilya Trauberg / **Fotografia:** Eduard Tissé / **Cenários:** Vladimir Kovriguine / **Interpretação:** Vassili Nikolaievitch Nikandrov (Lenine), Nikolai Popov (Kerensky), Boris Lianov (Ministro Tereschenko), Chibisov (Ministro Kishkin), Smelsky (Ministro Verderevsky), N. Poidvoisky (chefe do Estado-Maior revolucionário)), Eduard Tissé (um soldado alemão), ex-criados do Czar (criados do Palácio de Inverno) e figurantes da Marinha e do Exército.

Produção: Sovkino (Moscovo e Leninegrado) / **Cópia:** versão digital, preto e branco, sonorizada, com intertítulos em russo traduzidos em português, 101 minutos / **Estreia Pública:** Leninegrado, 20 de Janeiro de 1928 / **Estreia de Versão Restaurada:** Paris, em 1966.

Edmund Meisel compôs uma partitura para a apresentação do filme na Alemanha, em 1928. Em 1967, foi estabelecida uma versão sonorizada, sob a orientação de Grigori Alexandrov, com trechos das *Sinfonias* nº 11 e 12, de Chostakovich.

A sessão de dia 11 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

---

*"Não devemos esquecer que a unidade equilibrada do **Potemkine** pagava o seu máximo efeito com o esgotamento definitivo das possibilidades do seu estilo."*

*"É impossível ir mais longe no caminho do **Potemkine**. Pode apenas haver variações dos mesmo processos sobre temas, talvez, diferentes."*

Eisenstein falava em 1928 na sua obra feita e em projecto, e acrescentava: *"É preciso lembrar que a unidade do **Potemkine** realizou-se à custa de **A Greve**, que o precedeu, igualmente dualista, igualmente dialéctico..."*

*"... Não é um 'estilo' que (**Outubro**) continua, mas, para além do seu papel específico de obra, ele desempenha o mesmo papel de **A Greve** em relação à obra seguinte que, por agora, está por vir."*

Nesse pequeno texto ("Nosso Outubro: para além do representado e do não-representado", no primeiro volume das obras de Eisenstein - Colecção 10/18), Eisenstein esclarece no final qual era esse projecto a ver: a adaptação de *Das Kapital* de Karl Marx.

Cada filme de Eisenstein representa, desde logo, um ponto de confluência e um ponto de irradiação de teses e experiências que o realizador leva a cabo. Se **A Greve** era, como foi chamado, o "Outubro" do cinema soviético, **Oktiabr** parece representar, para além do seu valor específico como obra, o ponto de partida para um projecto mais vasto que culminaria na adaptação de "Das Kapital", como **Potemkine** culmina o projecto de **A Greve**. Presume-se que a encenação cinematográfica do texto de Marx, Eisenstein radicalizaria a abstracção quase total que **Oktiabr** representa, um cinema cuja "intriga" (se assim se pode falar dos "argumentos" de Eisenstein até **Que Viva México**) se limita à exposição de ideias e conceitos. **Oktiabr** não

"descreve" a Revolução de Outubro e sim o "conceito" de Revolução, como **Potemkine** fazia em relação ao de luta de classes. Daí que apesar do seu carácter por vezes didáctico, em forma de manual de Revolução (os planos que nos mostram a manipulação da espingarda, com o intertítulo: *"Aprende a manejar a tua arma"*), **Oktiabr** atinja um nível de abstracção que tornou difícil a sua assimilação pelas próprias massas que canta e acompanha. Foi uma das razões (mas não a única, e já aí vamos) do insucesso desta obra prima de Eisenstein . Penso que a ela se adaptaria, com pertinência, as mesmas palavras de Dovjenko ao defender o seu genial **Zvenigora**: *"Ouçam, camaradas, se há coisas no filme que vocês não percebem isso não quer dizer que seja mau ou ininteligível. A razão porque não percebem é vossa, não minha. Talvez vocês não saibam ou não queiram pensar, enquanto o que eu quis foi fazê-los pensar"*.

Outra razão para o insucesso de **Oktiabr** liga-se à própria evolução histórica da nova sociedade soviética. **Oktiabr** faz parte, como **O Fim de S. Petersburgo** de Pudovkine, das comemorações do décimo aniversário da Revolução de Outubro, a que se juntaram também os filmes de Boris Barnett **Moskva v Oktiabri** ("**Moscovo em Outubro**") e os de Ester Chub, **Padenie Dinastii Romanovitch** (**A Queda da Dinastia Romanoff**) e **Veliki Put**, exibido em Portugal com o título **Caminho Heróico**. (Vale a pena, neste caso, fazer um parêntesis. O filme de Chub, visto após o de Eisenstein é quase uma "desdramatização". Recordo, para quem o viu, as imagens quase banais da entrada no Palácio de Inverno no dia seguinte à sua tomada pelos marinheiros do "Aurora", que Eisenstein nos mostra, ou aquele plano que nos dá o almirante Koltchak com o gesto típico de Napoleão e que Eisenstein desenvolve durante a metáfora da progressão de Kerensky para o poder). Feitos quase simultaneamente, os filmes de Eisenstein e Pudovkine não tiveram a mesma sorte. Se as filmagens foram quase paralelas (Pudovkine recorda, por exemplo, *"Eu bombardeava o Palácio de Inverno a partir do couraçado Aurora, enquanto Eisenstein o bombardeava a partir da fortaleza Pedro e Paulo. Uma noite demoli uma parte da balustrada sobre o tecto e tive receio que tivesse complicações, mas tive a sorte de, nessa mesma noite, Sergei Mikhailovitch ter rebentado com duzentas janelas de apartamentos privados"*) já a sua conclusão foi diferente, o que em parte se compreende dado os métodos de trabalho desiguais dos dois realizadores: a planificação rigorosamente planeada desde o início, do autor de **Mat** e a acumulação de material filmado que era o hábito de Eisenstein para o trabalho fundamental da montagem. O resultado foi que de **Oktiabr** apenas algumas bobinas puderam ser apresentadas no dia do Jubileu da Revolução, e só mais de dois meses depois pôde ser estreado publicamente. Mas outros problemas mais graves contribuíram para colocar **Oktiabr** numa espécie de limbo, problemas que marcam o início duma década em que o autor de **Potemkine** é compulsivamente forçado a uma quase inactividade, e que se sentem numa crítica mais ou menos oficial, em que se insinua uma posição elitista por parte de Eisenstein, e de fazer filmes incompreensíveis às massas, depois de criticar as defesas apaixonadas do filme por parte dos intelectuais (Konzintsev diria: *"cada fragmento mal acabado do filme **Outubro** dará mais à cinematografia mundial do que 100 filmes bem acabados"*).

Em 1927 estava no ponto mais alto a luta pelo poder na União Soviética ente Estaline e a chamada "oposição unificada" no interior do Comité Central com Trotsky, Kamenev e Zinoviev, que ficarão progressivamente limitados nos seus poderes até serem excluídos durante esse mesmo ano de 1927, e que culmina na sua expulsão do Partido a 15 de Novembro. Na semana anterior, no próprio dia do Jubileu, a oposição fizera uma manifestação. No começo de Dezembro, no XV Congresso do Partido, a oposição é expulsa do Partido. Consolidava-se a tese do "socialismo num só país", palavra de ordem de Estaline lançada em 1924 e que triunfara na XV Conferência do P. C. (bolchevique) da U.R.S.S. Culturalmente, isto representou a morte do experimentalismo que transformara o cinema soviético numa força poderosa e única do seu tempo, a que não terá sido alheia a presença de Lunatcharsky como comissário da Cultura. A personalidade e a força impetuosa de Eisenstein não se conformavam naturalmente com espartilhos deste género (e isso terá sido mesmo uma das razões que o levaram a aceitar o convite da Paramount para trabalhar em Hollywood onde, no fim de contas, enfrentaria os mesmos problemas, de outra forma). Com o afastamento definitivo de Trotsky denunciado pelos seus "camaradas de oposição", Kamenev e Zinoviev, Estaline quis apagar o seu nome da história da Revolução. Foi este também um dos

motivos do atraso de **Oktiabr**, pois Estaline ordenou a Eisenstein que suprimisse do seu filme todas as referências a Trotsky.

Hoje, silenciadas (?) as paixões, **Oktiabr** destaca-se como um dos mais prodigiosos exemplos do filme experimental, pela forma como Eisenstein expõe nele as suas ideias sobre a montagem intelectual, ponto culminante das suas experiências no campo da montagem, da mesma forma como **A Greve** era a exposição da sua montagem de atracções iniciada no palco. Esta nova montagem eisensteiniana aparecia já na escadaria de Odessa e no bombardeamento pelo "Potemkine", especialmente na famosa sequência dos leões de pedra. A montagem aqui não se limitava a pôr em conflito e em fazer uma síntese dos planos filmados. Naqueles três breves planos nascia o conceito de montagem intelectual, criando uma ideia pela justaposição de imagens. **Oktiabr** são esses três planos desenvolvidos num filme. Paul Davay escrevia em 1960 que *"não é exagero afirmar que foi preciso esperar por 1959, para se reencontrar num espírito diferente e com outros meios, um equivalente aproximado que é sem dúvida* ***Hiroshima mon Amour*** *de Resnais"*. São exemplos famosos desta nova montagem, onde os intertítulos têm também um peso específico (repare-se como o "insulto": *"Traidores"*, com a repetição, alternando com grandes planos dos bolcheviques presos, acaba por se esvaziar de sentido), sequências como a subida de Kerensky pela escadaria até à imagem do pavão ao abrirem-se as portas; o confronto dos "dois napoleões", Kerensky e Koltchak; a ameaça de restauração da autocracia, com a estátua derrubada do Czar Alexandre reconstituindo-se e principalmente a do apoio da religião nessa restauração, e que é, indubitavelmente, a própria essência da montagem intelectual (dela se extrai, efectivamente, não só o apoio da Igreja Ortodoxa à contra-revolução, mas duma forma mais geral, a de qualquer forma de religião ao domínio de classe ao longo da história). Mas se esta é a essência desse tipo de montagem, seja-me permitido destacar, a título meramente pessoal, aquela que, dentro desse domínio, me parece a mais perfeita e que é a do levantamento das pontes sobre o Neva que vão isolar os bairros operários durante a crise de Julho, quando os bolcheviques têm de passar à clandestinidade. A montagem desta sequência não alcança o nível de abstracção da dos ídolos, e é mais restrita no seu alcance, visto que se refere, numa belíssima metáfora, concretamente à repressão (o plano genial do cavalo que cai morto do alto da ponte aberta, numa imagem surrealista por excelência, evoca irresistivelmente o da rês abatida em oposição aos operários em **A Greve**, mas a um nível intelectual muito superior), mas contém aquele que considero o mais belo plano jamais filmado por Eisenstein e, por consequência, um dos mais perfeitos de toda a história do cinema: a da ponte que se levanta arrastando e separando a longa cabeleira da jovem manifestante morta. É um plano que atiro à cara de quem me disser que **Oktiabr** é um filme sem emoção.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico